

**FACULDADE TEOLÓGICA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS LOGOS
FAETEL**



**UMA PERSPECTIVA CRISTÃ PARA O ENFRENTAMENTO DA MORTE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

FILIFE RODRIGUES DO NASCIMENTO

**São Paulo
2018**

FILIFE RODRIGUES DO NASCIMENTO

UMA PERSPECTIVA CRISTÃ PARA O ENFRENTAMENTO DA MORTE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
conclusão do Bacharelado em Teologia da
Faculdade Teológica e de Ciências
Humanas e Sociais Logos.

São Paulo

2018

JULGAMENTO

FAETEL – Faculdade Teológica de Ciências Humanas e Sociais Logos

Bacharel em Teologia

Comissão Examinadora

Prof. Especialista Mateus do Nascimento Silveira
Professor Orientador

Prof.

Prof.

São Paulo
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que me deu a oportunidade estudar teologia e medicina, que como um bom pastor nunca me deixou faltar nada e que me manteve com saúde física e mental para o bom desenvolvimento desses cursos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo seu amor e sacrifício e por cuidar de mim mesmo eu não merecendo.

Agradeço ao meu pai, pastor Eneas, que é uma referência ministerial para mim, a minha mãe, Maria Nilda, que é um exemplo serva de Deus e sempre me incentivou estudar, e a minha irmã, Rebeca, que é amiga, parceira e alguém que eu posso contar sempre, ou seja, agradeço a minha família, que é a minha base.

Agradeço também ao Pastor Eliezer Morais, Presidente da Igreja Assembleia de Deus em Bento Gonçalves, que me recebeu como um pai no Instituto Bíblico Esperança e me deu a oportunidade de estudar teologia.

Agradeço ao meu amigo Luciano da Costa Ribeiro, que contribuiu muito para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a diretoria do Centro Educacional e Social Missionário Nils Taranger - CESO, em especial o Pastor Claudemir Garcia de Vasconcelos, presidente do CESO, que contribuiu para a continuidade dos meus estudos em Teologia.

“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei, então, o que deva escolher.

Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne.”

Filipenses 1.21-24

RESUMO

A reflexão sobre a morte geralmente não é algo confortável, muitos são os questionamentos e as incertezas, porém é uma situação em todos estão sujeitos. Esse trabalho tem como objetivo apresentar as diferentes situações de morte humana e como o cristão deve enfrentá-las. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica procurando literaturas que abordassem assuntos relacionados a morte e que respondessem aos principais questionamentos humanos. Inicialmente foi apresentado diferentes definições de morte, tendo uma perspectiva técnica de um dicionário, filosófica e lógica de alguns filósofos bem como a concepção de morte das principais culturas e religiões existentes. Em continuidade, os tipos de mortes foram divididos em mortes não provocadas, como doença, acidentes humanos, catástrofes naturais e envelhecimento, e morte provocadas, como homicídio, suicídio, eutanásia e aborto. Com isso pode-se concluir que existem diversos fatores que influenciam no enfrentamento da morte pelo cristão e que, independente de sofrimento e dor, ele sempre é instruído a optar pela vida tendo como esperança a transformação de um corpo corruptível e a vida eterna com Jesus.

Palavras-Chave: Morte, Cristão, Enfrentamento, Vida, Homicídio, Eutanásia, Suicídio, Aborto.

ABSTRACT

The reflection on death is usually not comfortable, there are many questions and uncertainties, but all will die one day. This work aims to present the different situations of human death and how the Christian must face them. For this, a bibliographical research was done looking for literatures that approached subjects related to death and that responded to the main human questions. It was initially presented with different definitions of death, having a technical perspective of a dictionary, philosophical and logical analysis of some philosophers as well as a conception of death of the main cultures and religions. In continuity, the types of deaths were divided into unprovoked deaths, such as sickness, human accidents, natural disasters and aging, and death caused, such as homicide, suicide, euthanasia and abortion. With this, it can be concluded that there are several factors that influence the confrontation of death by the Christian and that, regardless of suffering and pain, he is always instructed to choose the life having as hope the transformation of the corruptible body and the eternal life with Jesus.

Keywords: Death, Christian, Coping, Life, Homicide, Euthanasia, Suicide, Abortion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AS DEFINIÇÕES DE MORTE	11
1.1 DICIONÁRIO	11
1.2 FILÓSOFOS	11
1.3 A MORTE NAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS	12
1.3.1 A morte no crescente fértil - Mesopotâmia e Egito	12
1.3.2 Concepção greco-romana da morte	13
1.3.3 Hinduismo	14
1.3.4 Budismo	14
1.3.5 Islamismo	15
1.4 CONCEITO CRISTÃO	16
2 TIPOS DE MORTE - NÃO PROVOCADA	18
2.1 DOENÇA	18
2.2 ACIDENTES HUMANOS	20
2.3 CATÁSTROFES NATURAIS	22
2.4 ENVELHECIMENTO	23
3 TIPOS DE MORTE - PROVOCADA	25
3.1 HOMICÍDIO	25
3.2 SUICÍDIO	27
3.3 EUTANÁSIA	29
3.4 ABORTO	31
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A abordagem assuntos relacionados à morte causam desconforto em muitas pessoas. Esse desconforto provavelmente é devido aos medos, incertezas e desconhecimento dos aspectos que envolvem a morte. Com isso, é importante a existência de uma literatura, de preferência cristã, que desenvolva esses aspectos contribuindo para o conhecimento da morte e seus aspectos e diminuindo os medos e as ansiedades provocadas nas pessoas ao refletir sobre esse tema.

A morte é uma realidade da vida. Desde a infância o ser humano aprende que um dia encontrará a morte. Cada pessoa tem uma concepção própria de morte, que sofre a influência de diversos fatores como a cultura ao qual o indivíduo está inserido e/ou a religião ao qual faz parte e/ou a visão de morte transmitida por seus cuidadores e/ou experiências de vida que podem ser transcendentais ou não.

Ninguém sabe o dia e hora exata de sua morte. A morte é inesperada na maioria das vezes. Quando a morte é uma possibilidade, como nos casos de doenças terminais, ela pode produzir muito sofrimento e questionamentos. A morte por si só nem sempre é um problema. O problema é o sofrimento físico e mental do indivíduo antes de morrer e daqueles que o cercam. Esse sofrimento geralmente antecede a morte em diversas situações e pode ser potencializado pelas incertezas daquilo que virá após a morte.

A reflexão sobre a morte não está restrita a uma cultura ou religião, qualquer pessoa que se depara com uma situação de morte, seja através de momentos de risco de vida ou falecimento de alguém próximo, refletem sobre tal situação.

As reflexões geralmente são induzidas por perguntas que surgem, e algumas delas são: Por que está acontecendo essa situação de morte? Será que é consequência de algo que foi feito? Será que teria como evitar ou atrasar a morte? O que acontece após a morte? Será que existe vida após a morte? Quando e onde realmente acaba a vida? Quando e onde começa a vida? Viver é melhor que morrer? Por que escolher viver uma vida de sofrimento ao invés de escolher a morte? É errado escolher a morte? Como as religiões entendem a morte? Como as religiões orientam seus seguidores a enfrentar a morte?

Esse trabalho tem como objetivo apresentar as diferentes situações de morte humana e como o cristão deve enfrentá-las. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica em bibliotecas universitárias físicas e online, procurando livros que abordassem assuntos relacionados a morte e que respondessem as perguntas anteriormente citadas.

Para compreender como o cristão lida com a morte, é importante primeiro compreender quais as perspectivas das principais culturas e religiões do mundo em relação a morte. Este trabalho aborda aspectos das religiões do crescente fértil, Mesopotâmia e Egito, a concepção greco-romana, bem como a interpretação do hinduísmo, budismo, islamismo e, de uma forma mais detalhada, a concepção do cristianismo de morte.

Após entender as diferentes concepções de morte, será abordado os principais tipos de morte que humanidade está sujeita e como o cristão pode enfrentar essas situações de morte. Os tipos de mortes estão divididos em duas grandes áreas, as mortes não provocadas e as provocadas. As mortes não provocadas abrangem as aquelas que são consequências das doenças, acidentes humanos, catástrofes naturais e envelhecimento. As situações de mortes provocadas abordam os homicídios, suicídio, eutanásia e aborto.

1 AS DEFINIÇÕES DE MORTE

Para entender como os cristãos enfrentam a morte, é necessário primeiro compreender como a sociedade, como os filósofos e, principalmente, como as religiões não cristãs entendem como morte. Assim será possível analisar de forma ampla as características envolvidas no enfrentamento cristão em situações de morte.

1.1 DICIONÁRIO

O minidicionário da língua portuguesa Silveira Bueno define morte como “ato de morrer; fim de vida; termo; destruição; entidade imaginária que a credence popular supõe ceifeira das vidas.”¹

1.2 FILÓSOFOS

Segundo o dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano² a morte em sua relação específica com a existência humana pode ser entendida de três formas: como início de um ciclo de vida; como fim de um ciclo de vida; e como possibilidade existencial.

Para Abbagnano³ a morte é entendida como início de um ciclo de vida pelas doutrinas que admitem a imortalidade da alma, sendo a morte apenas a separação da alma do corpo, como acreditava Platão. Com a essa separação, se inicia um

¹ BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007. p. 525

² ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 683. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2018.

³ Ibid., p. 684.

novo ciclo, seja ele entendido como reencarnação da alma em um novo corpo ou uma vida não corporal.

Abbagnano⁴ faz menção de alguns filósofos que entende a morte como fim de um ciclo de vida, considerado como repouso ou cessação das preocupações da vida por Marco Aurélio, entendido como involução e diminuição da vida por Leibniz e impossibilidade de adequação ao universal defendido por Hegel. O conceito bíblico de morte também entende como fim de vida como consequência do pecado de Adão, porém esse tema será apresentado de forma abrangente mais adiante.

Abbagnano⁵ apresenta a morte como possibilidade existencial, onde a limitação da existência é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida. O enfoque não está na finitude da vida, mas nos momentos de morte que acompanham a existência. A morte é a nulidade possível de todas as possibilidades existenciais.

1.3 A MORTE NAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

A reflexão sobre os aspectos da morte não é recente e não é exclusivo de uma religião ou cultura. Cada indivíduo tem uma concepção particular em relação a morte, que geralmente é influenciado por características culturais e religiosas. A seguir é apresentado o conceito de morte segundo as principais culturas e religiões do mundo e como seus seguidores lidam com a morte.

1.3.1 A morte no crescente fértil - Mesopotâmia e Egito

Segundo Azcárate⁶ a concepção de morte no crescente fértil tinha características distintas.

⁴ Ibid., p. 684.

⁵ Ibid., p. 685.

⁶ AZCÁRATE, J. L. L. **La muerte y su imaginario en la historia de las religiones**. 1 ed. España: Universidad de Bilbao, 2000. p. 92. (tradução nossa)

Na Mesopotâmia a morte era vista como fim de vida, como o fracasso de imortalidade negada por deuses que condenaram a humanidade. Não existiam privilégios para o indivíduo após a morte, independente de classe, todos os mortos iam para o tenebroso inframundo, sem qualquer julgamento das ações realizadas durante a vida. A morte era temida por todos e o comportamento moral não, necessariamente, estava relacionado com consequências após a morte.

No Egito a morte era vista como uma transição de vida para uma outra vida semelhante a terrena, mas idealizada, e além disso existia a possibilidade comunhão com os deuses. Os condenados em juízo eram exceções e o faraó era divinizado após a morte, diferente da restante da humanidade. Essa concepção de transição de vida tornou os egípcios mundialmente famosos, pois acreditavam que a conservação do corpo era fundamental, por isso criavam as tumbas, mumificavam e enfaixavam os corpos dos defuntos e, para os mortos não se perderem durante a transição, escreviam orientações e fórmulas mágicas como o livro dos mortos, textos nos sarcófagos e nas pirâmides.

1.3.2 Concepção greco-romana da morte

Azcárate⁷ descreve a literatura greco-romana sobre a morte como uma literatura muito ampla e rica, mas possível de sintetizar algumas ideias centrais.

No período Homérico a morte lembrava a mesopotâmia, onde não havia esperança de vida após a morte e todos mortos tinham como destino final o Hades, com exceção para os que desafiavam os deuses, esses iam para uma região mais sombria, o tártaro. Era possível consultar os mortos, pois esses tinham uma leve consciência, contribuindo com a ideia de valorização da vida terrena. O paraíso era reservado apenas a heróis selecionados por Zeus e mortos em combate.

A concepção de morte foi se modificando com o tempo, e no século VII a.C. é possível perceber uma ideia de morte mais semelhante aos egípcios. O paraíso também era destinado aos que seguiam normas morais e espirituais. Os que obtiveram conhecimento e cumpriram rituais secretos exclusivos para manter sua

⁷ Ibid., p. 150.

lembrança viva podiam alcançar a imortalidade da alma e a glória da divindade. Com as mudanças sócio-políticas, surgiu a preocupação com o destino do indivíduo, não apenas aos heróis e selecionados por Zeus. O cortejo fúnebre era visto como status e riqueza, onde mais luxuoso eram os túmulos, mais rico era a família.

1.3.3 Hinduísmo

Azcárate⁸ apresenta um Hinduísmo onde matar ou morrer é indiferente, já que não se pode matar ou morrer, pois a alma é imortal. A vida para os seguidores dessa religião é marcada por rituais de sacrifícios e renúncia de desejos, pois assim podem alcançar a imortalidade. As más realizações desses rituais levam a segunda morte, que consiste no retorno reencarnado nesse mundo. A morte não é vista como o fim da vida, mas está no meio da vida, é apenas uma parte dela, pois a alma não pode morrer. As principais instruções sobre morte e reencarnação após a morte em razão dos atos (*karma*) podem ser encontradas nas *Upanishads*, as escrituras do hinduísmo.

1.3.4 Budismo

Azcárate⁹ mostra que o Budismo acredita em reencarnação e transmigração das almas, porém o conceito de alma é diferente do Hinduísmo. A vida é contínua, porém a alma não é permanente e tudo é transitório. Cada indivíduo é uma corrente de *dharmas* que surgem em interdependência funcional. Quando um indivíduo A morre, as partes se dissolvem e as consequências kármicas se convertem em um novo indivíduo B, que é herdeiro das ações (*karma*) de A. O Budismo prescinde a existência de deuses, pois a salvação (libertação ou iluminação) pode ser alcançada pelo homem, e consiste na extinção de toda dor, o nirvana. O momento exato da morte é fundamental, pois dependendo do estado de consciência que tenha, o momento da reencarnação será de uma maneira ou outra, por isso os seguidores

⁸ Ibid., 249.

⁹ Ibid., 279.

dessa religião tem ações com o objetivo de se concentrar adequadamente no momento da morte e não ser induzido pelo *karma* negativo.

Um texto muito conhecido pelos budistas é o da Kisâgotamî. A história conta da doença e morte do único filho de Kisâgotamî e, inconformada com a ideia de morte, procura a cura para a doença de seu amado filho. Ao perguntar para Buda onde encontrar a cura, ouve dele que a cura está nas sementes de mostardas encontradas em qualquer casa que não tenha encontrado situação de morte. Ao procurar incansavelmente batendo de porta em porta, chegou a conclusão

[...] que ela não era a única a ser golpeada pela morte de um ente querido: esse era o destino comum dos seres humanos. O que nenhuma palavra poderia transmitir, sua própria experiência de ir de porta em porta o havia mostrado. Kisâgotamî, então, compreendeu a lei da existência, a lei da impermanência e da morte dentro do círculo incessante do vir-a-ser. O Buddha curou a obsessão da mulher e ajudou-a a aceitar a realidade. Kisâgotamî podia deixar de negar a morte de seu filho, ela compreendeu que era esse o destino de todos os seres.¹⁰

1.3.5 Islamismo

É possível perceber uma concepção de morte do Islamismo muito similar ao do cristianismo nos textos de Azcárate.¹¹ A morte a toda humanidade é tida como consequência do pecado de Adão. Após a morte a alma se separa do corpo e acredita-se que o morto tenha um mínimo de consciência para responder perguntas de anjos e sentir prazer ou dor seja no paraíso ou inferno. Haverá um dia do juízo onde todos os corpos ressuscitarão e serão julgados conformes suas ações, os fieis são destinado a um paraíso com prazeres corporais (comida, bebida e sexo) ou ao inferno. É comum fazer orações e leituras no enterro para ajudar os mortos no interrogatório dos anjos no túmulo.

¹⁰ NALANDA. Grandes Discípulas do Buddha: Kisagotami. Disponível em: <<https://nalanda.org.br/contos/grandes-discipulas-do-buddha-kisagotami>>. Acesso em 19 de março de 2018.

¹¹ Ibid., p.413.

1.4 CONCEITO CRISTÃO

Ao criar o homem Deus deixou uma ordem

E o Senhor deu ao homem a seguinte ordem:

— Você pode comer as frutas de qualquer árvore do jardim, menos da árvore que dá o conhecimento do bem e do mal. Não coma a fruta dessa árvore; pois, no dia em que você a comer, certamente morrerá.¹² (Gn 2.16,17)

Entende-se então que Deus criou a homem composto de um corpo físico e uma alma imortal e lhe deu o espírito de vida vindo diretamente dEle (Gn 2.7, 1Ts 5.23). Entretanto o homem pecou ao desobedecer a ordem de seu criador e, a partir de então, toda a humanidade ficou sujeita à morte (Rm 3.23; 5.12; 6.23; 7.11; 1Co 15.51-54). Os cristãos não acreditam em reencarnação e ciclo de vida constante. Creem que após a morte do indivíduo o corpo volta a terra, o espírito volta a Deus e alma aguarda o julgamento final (Ec 12.7; Ap 6.9).

O período entre a morte do corpo e o julgamento final é visto de formas distintas entre algumas denominações cristãs. Existe a crença de que após a morte, a alma fica em um estado de sono profundo, ou seja, dormindo e aguardando a ressurreição do corpo para o julgamento final (Lc 8.52; 1Co 15.6; 1Ts 4.13-15). Entretanto, o conceito mais aceito é que após a morte a alma pode ter dois destinos, se for a de um justo cristão ela irá para o paraíso, conhecido como de seio de Abraão pelos judeus (Lc 16.22,23; 23.43; 2Co 12.2-4), mas se for de um infiel irá para o mundo dos mortos ou inferno.

Antes da ressurreição de Cristo todos estavam sujeitos à morte, e isso influenciava diretamente as ações do indivíduo, pois quando a morte é vista como um castigo para os desobedientes, a vida pode se tornar um estado de medo constante e onde não há liberdade. A morte, para esses, pode significar um castigo por algo errado ou algum pecado cometido durante a vida, com exceção daquelas que são consequências do envelhecimento e guerras. Entretanto, a morte de Jesus Cristo na cruz trouxe um significado diferente do conceito judeu de morte da época.

¹² BÍBLIA. Língua portuguesa. **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP. p.15.

A morte física não significava mais a morte completa do indivíduo, pelo contrário, a morte física era vista como uma oportunidade de deixar um corpo mortal e sofrer para estar com Jesus Cristo, Deus e salvador dos cristãos (1Co 15.3,4,9,21,22,51-54; Fp 1.21-23; Ap 2.11). Essa nova concepção de morte foi fundamental para a expansão do cristianismo (At 2.40-47; 5.13,14; 9.31; 16.5). Os cristãos não tinham medo de sofrer e morrer, pois criam na ressurreição do corpo e da alma em Cristo, por isso continuavam falando das boas novas de Jesus, anunciando um evangelho de ressurreição e vida eterna, onde a morte não tem domínio.

A ressurreição não será para todos mortos ao mesmo tempo. Primeiro ressuscitarão os salvos em cristo e os vivos serão arrebatados para estar com Cristo (1Ts 4.16,17). Só depois de muito tempo e após cumprir as profecias escatológicas, os corpos que ainda não foram ressuscitados, ressuscitarão e passarão pelo julgamento das obras. Essa ocasião será para finalmente definir quem viverá para sempre com Jesus, em um lugar onde há alegria e não há sofrimento e dor, e quem será lançado no lago de fogo, que é a segunda morte (Ap 20.14).

2 TIPOS DE MORTE - NÃO PROVOCADA

Após entender os diferentes conceitos de morte, é possível ter uma perspectiva cristã do enfrentamento da morte nas mais diferentes situações em que o ser humano é exposto.

A morte pode se apresentar de diversas formas e cada uma delas exige uma postura diferente do cristão. É possível dividir os momentos da morte em duas grandes partes: as mortes não provocadas, onde a vítima e familiares não tem o direito de escolha, e as provocadas, onde a vítima e/ou familiares podem escolher entre um estado de vida e um estado de morte.

2.1 DOENÇA

Então chegou um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga daquele lugar. Ele se jogou aos pés de Jesus e pediu com insistência que fosse até a sua casa porque a sua filha única, de doze anos, estava morrendo. (...) Jesus ainda estava falando, quando chegou da casa de Jairo um empregado, que disse:

— Seu Jairo, a menina já morreu. Não aborreça mais o Mestre.¹³ (Lc 8.41, 42, 49)

A morte e ressurreição da filha de Jairo foi para provar sua fé, mostrar aos contemporâneos de Jesus que Ele realmente era o filho de Deus e que a morte não tinha poder sobre Ele, além de servir de edificação da fé aos leitores da bíblia sagrada 2.000 anos após esse ocorrido. Situações semelhantes a da filha de Jairo se repetem diversas vezes com as mais distintas pessoas. Tudo pode estar bem, sem doença, sem morte, até que de repente alguém passa mal e/ou um resultado de exame sai e se descobre uma doença incurável que abrevia o tempo de vida drasticamente. Isso pode acontecer com pessoas boas ou más, ricos ou pobres, adultos ou crianças, pessoas moralmente corretas ou imorais.

Após o pecado original, todos ficaram sujeitos à morte, doenças e sofrimentos. Em algumas vertentes do cristianismo é defendida a crença de que as doenças são um castigo de Deus, e utilizam referências como as dez pragas do

¹³ Ibid., p. 1024

Egito (Ex 7-12) e a do servo de Eliseu que ficou doente ao aceitar dinheiro após a cura de Naamã (2 Re 5.27). Entretanto Jesus mostrou que doença não é sinônimo de pecado ao responder aos seus discípulos “Ele é cego, sim, mas não por causa dos pecados dele nem por causa dos pecados dos pais dele. É cego para que o poder de Deus se mostre nele”¹⁴(Jo 9.3). Deus tem um propósito para todas as coisas. No caso bíblico de Jó, Deus queria mostrar a fidelidade de Jó independente da condição financeira ou saúde de Jó.

O objetivo deste trabalho não é explicar o problema do mal e o sofrimento humano, mas mostrar que todos estão sujeitos ao sofrimento e a morte, inclusive o Cristão. Paulo pregava que o corpo é humano é corruptível e sujeito a dores e sofrimentos, e apenas após a ressurreição e vida com Cristo na terra prometida que não haverá choro, dor ou sofrimento (1 Co 15.53-58).

O fato de o cristão estar em um corpo sujeito a sofrimentos não significa que ele obrigatoriamente deve sofrer. Existem aqueles que entendem que devem sofrer por causa dos seus pecados e, por isso, se recusam a tomar medicamentos para aliviar a dor e até mesmo tratamentos que não curam, mas que podem prolongar a vida. O cristão não precisa pagar seus pecados com dor e sofrimento no corpo físico, pois Jesus Cristo já fez isso na cruz. Ele sofreu e morreu pelos pecados da humanidade e agora não é necessário o sofrer quando existe a alternativa de não sofrer. Existem consequências para as ações humanas na terra, por exemplo, se um indivíduo comete homicídio, ele deve ser julgado e pagar sua pena aqui na terra, independente se ele se arrependeu sinceramente e pediu perdão a Deus minutos depois do homicídio. Deus perdoa os pecados no momento do arrependimento e confissão, e Ele trará o juízo de todas as ações no dia do julgamento final (Ec 11.9), mas Jesus Cristo atuará como advogado dos que pecaram (1Jo 2.1).

Existem algumas doenças que a ciência encontrou a cura, outras foi encontrado uma forma de controlar e, em muitos casos, não foi possível encontrar a cura e nem controlar a doença, e todos os cuidados tem a finalidade de melhorar a qualidade de vida do indivíduo.

A morte do corpo, na maioria das vezes, não é pior que o sofrimento causado pela situação que a antecede, como no caso de uma doença terminal, onde a pessoa pode passar dias e dias pensando e refletindo sobre sua morte. Nesse

¹⁴ Ibid., p. 1070.

momento, é comum a reflexão de “O que eu fiz para merecer isso?”, “Onde eu errei?”, “Será que se eu fizesse outra escolha as coisas seriam diferentes?”, “Será um castigo de Deus?”, muitos se apegam a religiões buscando exclusivamente a cura, enquanto outros desistem da vida que ainda possuem e recusam até tratamentos que melhoram sua qualidade de vida.

A notícia de uma doença terminal não deve ser o sinônimo de sofrimento e dor. O ser humano pode passar seus últimos dias na terra com medidas que visam melhorar a qualidade de vida, sem a obrigatoriedade de sofrimento e dor, e é nessa situação que entra o importante trabalho da equipe multiprofissional de cuidados paliativos.

A Organização Mundial de Saúde define que

cuidados paliativos consistem na assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais¹⁵

É possível afirmar que a equipe multiprofissional de cuidados paliativos é mais um instrumento de Deus para ajudar aqueles que se deparam em situações de morte vindas através de uma doença.

2.2 ACIDENTES HUMANOS

Um avião que levava a delegação da Chapecoense para Medellín, na Colômbia, caiu na madrugada desta terça-feira (29) a poucos quilômetros da cidade colombiana.

O Diretor Geral da Unidade Nacional para Gestão de Risco e Desastres colombiana, Carlos Iván Márquez Pérez, disse que as operações de busca e resgate foram encerradas com o seguinte balanço: 6 feridos e 71 mortos.¹⁶

¹⁵ INCA: Cuidados Paliativos. Disponível em:

<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/cancer/site/tratamento/cuidados_paliativos>. Acesso em 10 de março de 2018.

¹⁶ G1. Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa morto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

O acidente de avião com os jogadores do time brasileiro de futebol Chapecoense surpreendeu o mundo sendo um dos maiores acidentes da história com uma delegação esportiva.¹⁷ A bordo tinham diversos cristãos e a maioria deles morreram deixando muitas famílias em luto. Nesse momento de enfrentamento da morte muitos questionamentos podem existir, como: “Sendo Deus onisciente e onipotente, por que permitiu essa tragédia?”, “Não poderia Deus utilizar maneiras de alertar aos responsáveis quanto a possível falta de combustível?”.

A onipotência de Deus é questionada na maioria das situações de morte não provocada. Sabendo Deus de todas as coisas e tendo todo poder, poderia permitir o sofrimento e a morte do justo? Não seria mais amoroso impedir que seus filhos passassem por tal tragédia? O sofrimento cristão estaria em desacordo com a carta de Paulo aos romanos afirmando que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”¹⁸ (Rm 8.28)?

O que frequentemente se esquece ao lidar com situações de morte é que muitas coisas são consequências das ações humanas sob permissão de Deus. Deus como um ser todo poderoso poderia criar um mundo com pessoas totalmente boas, sem falhas, sem influência do mal, sem dor e sofrimento, porém as pessoas não teriam o direito de escolha, em livre arbítrio. Segundo William Lane Craig, Deus permite que atrocidades ocorram em vez de remover o livre-arbítrio daqueles que as cometem.¹⁹

Quando Paulo escreve aos romanos, ele afirma que as coisas cooperam para o bem, mas não afirma que apenas coisas boas aconteceriam para os que amam a Deus, ou seja, os cristãos também estão sujeitos a sofrimentos e situações desastrosas, mas essas situações contribuem para um melhor conhecimento de Deus e cooperam para o bem dos que creem e amam a Deus. Um dos sobreviventes do acidente citado é cristão e testemunha sobre o milagre da salvação do seu corpo para milhares de crentes. A partir desse acidente, outros voos foram criteriosamente revisados, diminuindo a probabilidade falhas e conseqüentemente de acidentes.

¹⁷ Wikipédia: Voo LaMia 2933. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Voo_LaMia_2933>. Acesso em 11 de março de 2018.

¹⁸ Ibid., p. 1145.

¹⁹ CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis**. 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 93.

2.3 CATÁSTROFES NATURAIS

Um forte terremoto de magnitude 7 devastou o Haiti às 16h53 do dia 12 de janeiro, hora local -19h53 de Brasília. O epicentro foi a poucos quilômetros da capital, Porto Príncipe.

A situação humanitária do país, o mais pobre das Américas, é caótica. Pelo menos 200 mil pessoas morreram, 300 mil ficaram feridas, 4 mil foram amputadas. Há um milhão de desabrigados.²⁰

O terremoto no Haiti ocasionou o sofrimento e a morte de milhares de pessoas, e atingiu pessoas independentemente de religião ou aspecto moral. A morte como consequência de falha humana geralmente causa uma menor revolta nos questionadores da fé quando comparado a morte vinda através de catástrofes naturais.

As catástrofes naturais podem ser entendidas não como uma permissão divina, mas como uma ação direta de Deus, pois o único que pode controlar o tempo e a natureza é o todo poderoso Deus. Nesse caso, torna-se ainda mais forte o questionamento “Por que isso aconteceu comigo?”, “Qual foi meu pecado?”.

Deus tem poder de usar a natureza para castigar os pecadores, como no exemplo de Noé, onde Deus destruiu a humanidade com o dilúvio, salvando apenas Noé e sua família, mas logo após o dilúvio, Deus faz um pacto com Noé mostrando que não destruiria a terra com água novamente (Gn 9).

Como já mencionado, o castigo para o pecado moral não será nesta vida. No dia do julgamento final, Deus trará todas as coisas em juízo e nada ficará encoberto. Contudo, é importante lembrar que existe a lei da sementeira, e que tudo que se o homem planta ele colhe (Gl 6.7). A lei da sementeira não está restrita a coisas ruins, mas também a atitudes boas.

Entretanto, ainda pode persistir o questionamento “O que causou essa catástrofe?” Essa pergunta pode ter mais de uma resposta. Paulo escreve aos romanos que

Um dia o próprio Universo ficará livre do poder destruidor que o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de

²⁰ G1, Cobertura completa: terremoto no Haiti. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1446514-5602,00-COBERTURA+COMPLETA+TERREMOTO+NO+HAITI.html>> Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Deus. Pois sabemos que até agora o Universo todo geme e sofre como uma mulher que está em trabalho de parto.²¹(Rm 8.21,22)

Entende-se que Deus não criou um mundo com catástrofes naturais, mas com o pecado de Adão a natureza passou a sofrer e ficou sujeita a um poder destruidor que terá fim apenas quando Jesus voltar.

A resposta ao questionamento está na ideia de que essas catástrofes são consequências das ações humanas, ou seja, o aquecimento global, a extração de minérios e a modificação da natureza original levam a consequências desastrosas globalmente, como terremotos, tsunamis, sequeidão e chuvas abundantes e, contribuindo para o desastre, o ser humano constrói casas e rodovias em lugares inapropriados com estruturas inapropriadas, sujeitos a sofrer por qualquer modificação da natureza.

Uma outra resposta é a de Craig, que afirma que as catástrofes naturais são consequências de ações demoníacas,²² como foi no caso de Jó.

Independente da resposta, nesta vida, todos estão sujeitos a sofrimento e morte devido a catástrofes naturais, e isso não diminui ou afeta a soberania e o amor incondicional de Deus para com a humanidade.

2.4 ENVELHECIMENTO

O Senhor abençoou a última parte da vida de Jó mais do que a primeira. Ele chegou a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, dois mil bois e mil jumentas. Também foi pai de sete filhos e três filhas. À primeira deu o nome de Jemima; à segunda chamou de Cássia; e à terceira, de Querém-Hapuque. No mundo inteiro não havia mulheres tão lindas como as filhas de Jó. E o pai as fez herdeiras dos seus bens, junto com os seus irmãos.

Depois disso, Jó ainda viveu cento e quarenta anos, o bastante para ver netos e bisnetos. E morreu bem velho.²³ (Jó 42.12-17)

O sofrimento e a dor durante um período da vida de Jó não o impediu de conhecer seus descendentes e não diminuiu sua longevidade. Para o cristão, o

²¹ Ibid., p. 1145.

²² Ibid., p. 90.

²³ Ibid., p. 501.

envelhecimento é ser visto como uma benção de Deus, mesmo que a vida tenha sido de sofrimentos como no caso de Jó.

Para refletir sobre o envelhecimento, é necessário primeiro entender o conceito de senescência e senilidade, pois é comum o entendimento equivocado de que envelhecimento é sinônimo de dores e doenças. Senescência é o envelhecimento com alterações relacionadas a evolução do tempo, sem mecanismo de doença reconhecido decorrentes de processos fisiológicos, como por exemplo o crescimento de cabelo branco, o aparecimento de rugas e a perda de flexibilidade da pele. Senilidade é o complemento da senescência, onde além do envelhecimento natural, o indivíduo pode ter doenças que comprometem a qualidade de vida, como depressão, diabetes, osteoartrose, entre outros.²⁴

O enfrentamento da morte após envelhecer não é o mesmo da juventude, pois na juventude os desejos e os sonhos são inúmeros, a perspectiva para realizações futuras são maiores, a mente e o corpo ainda estão em plena atividade e são capazes de executar a maioria dos planos. Com o envelhecimento é comum a melhor seleção dos planos e dos objetivos, com o foco naqueles que tenham mais significado e qualidade de vida. O sentimento de dever cumprido e satisfação são maiores ao ver filhos e netos crescidos e independentes.

A separação das pessoas através da morte não algo agradável, independente da idade, porém é mais aceitável, visto que desde a infância se tem a concepção de que o ser humano não vive para sempre em um corpo corruptível e sujeito a morte.

Os pensamentos sobre a morte geralmente não são produzidos através de revoltas e insatisfação com Deus como no caso do enfrentamento da morte na juventude e/ou doenças, pelo contrário, é comum o agradecimento ao autor da vida pelas atividades desenvolvidas e pelos bens conquistados, que nem sempre estão relacionados a bens financeiros, mas a boas relações sociais, a um envelhecimento saudável e a paz de espírito.

O cristão conta ainda com a esperança de encontrar Jesus após a morte, bem como todos os entes queridos, sejam eles cônjuge, pais, filhos ou amigos, é a libertação de um corpo perecível para um vida eterna de paz e alegria.

²⁴ Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: Senescência e senilidade – qual a diferença? Disponível em: <<http://www.sbgg-sp.com.br/pub/senescencia-e-senilidade-qual-a-diferenca/>>. Acesso em 16 de março de 2018.

3 TIPOS DE MORTE - PROVOCADA

A morte provocada é quando a pessoa tem a possibilidade de escolha entre a vida e a morte. As questões que permeiam o tema de morte provocada não são simples, e dividem opiniões mesmo entre os cristãos.

Primeiramente é necessário entender que o cristão é instruído a não matar (Ex 20.13; Pv 6.16,17; Mt 5.21), pois apenas o autor da vida, que é Deus (At 3.15), pode tirar a vida. Também é preciso compreender que são múltiplos os fatores que influenciam o enfrentamento da morte e levam as pessoas a considerar a morte como uma possibilidade. O principal fator é o sofrimento humano, seja ele pessoal ou da pessoa amada. Ninguém deseja ter uma vida de dor e/ou completa incapacidade e, por isso, muitos encontram na morte o fim de todos os seus sofrimentos.

Existem muitos aspectos a ser considerados em cada uma das situações de morte. Antes de julgar a pessoa que vê a morte como uma opção, é importante primeiro entender o contexto que a pessoa está inserida, bem como analisar os conceitos éticos e legais que estão relacionados a morte.

A seguir são apresentadas algumas situações de mortes provocadas e como o cristão pode lidar com essas situações segundo os aspectos bíblicos e éticos.

3.1 HOMICÍDIO

“Um homem armado abriu fogo neste domingo (5) na Primeira Igreja Batista da pequena cidade de Sutherland Springs, no sudeste do Texas, nos Estados Unidos, matando pelo menos 26 pessoas e deixando mais de 20 feridas, segundo informado pelo governador do Texas, Gregg Abbott, durante entrevista coletiva.”²⁵

O assassinato que aconteceu no Texas, EUA, no dia 05 de novembro de 2017 deixou a comunidade cristã triste pelas, vítimas e familiares afetados, e assustada por ter ocorrido em uma igreja. Estes homicídios levaram os cristãos a

²⁵ UOL notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/11/05/homem-invade-igreja-no-texas-e-mata-ao-menos-27-pessoas-no-texas-diz-imprensa-americana.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

diversas reflexões da morte, como por exemplo “Por que Deus deixou isso acontecer dentro de uma igreja?”, “Por que permitiu a acontecer com cristãos?”, “Teria salvação a alma do assassino?”, “Estaria errado tirar a vida deste assassino?”, “Estaria errado perante Deus se um morador, para se defender, matasse o assassino?”, “E se um policial cristão tirasse a vida dele, como seria o julgamento perante Deus?”, “Se fosse comprovado que o homicida tinha problemas mentais que prejudicava seu juízo crítico, estaria ele isento de culpa?”.

O fato de estar dentro de uma igreja não isenta o cristão de um homicídio. Ele ainda está sujeito a morte e continuará sujeito a morte enquanto viver em um corpo perecível. Os que creem em Jesus ainda sofrem as consequências do pecado de Adão no início da criação.

Ao analisar a perspectiva de salvação da alma do assassino em questão, pode-se inferir que suas escolhas o levaram para uma situação de não salvação da morte eterna, entretanto deve-se considerar a possibilidade de arrependimento e salvação. Alguns cristãos podem não concordar com essa possibilidade e entender que essa ação foi uma evidência de que essa alma não é eleita de Deus, porém é possível entender que sendo Deus um ser perdoador, totalmente bondoso e amoroso, daria a possibilidade de salvação da alma do homicida, desde que este tenha se arrependido verdadeiramente e pedido perdão a Ele, levando em consideração de que não é possível enganar um ser todo poderoso e onisciente.

Segundo a reportagem do site Uol Notícias no dia do assassinato, não tinha ficado definido se o homicida morreu após um disparo feito por policiais ou morador.

A morte por autodefesa é uma questão a ser refletida. Quando a opção é morrer ou matar, parece ser mais lógico escolher matar, porém é uma vida criada por Deus em questão, independente de ela ser moralmente boa ou má. Para o cristão lidar com essa situação de morte, é necessário analisar a intenção do coração e o aspecto legal da situação.

O homicídio como consequência de autodefesa não é planejado, as intenções do homicida neste caso não é tirar a vida de um ser humano, mas se proteger. É provável que neste caso o ele sinta vergonha de tal atitude e arrependimento por tirar a vida de outra pessoa e se fosse dada uma terceira opção em que não fosse matar ou morrer provavelmente escolheria a terceira opção. Como mencionado acima, Deus sonda o coração as intenções (Sl 139.1; Jr 17.10; Lc 16.15; Rm 8.27; Ap 2.23) e perdoa o coração arrependido.

No caso da morte vinda através de policiais, deve-se levar em consideração a intenção do coração e a legalidade da situação. É comum a morte em situações de violência e guerra. O povo de Israel por diversas vezes foi a guerra e matou milhares de pessoas sob permissão divina (2 Cr 18; Js 8.1; 2Sm 5.19; 2 Sm 8.6; Jz 10.11,12). As forças armadas são instituições governamentais que visam a segurança e proteção das pessoas, apesar não ter êxito sempre. A bíblia mostra que os cristãos devem obedecer às autoridades, representadas aqui pelo estado, (Rm 13.1-5) e isso inclui situações de morte através de violência e guerra. Entende-se então que essa é uma situação que Deus levará em consideração no dia do juízo final.

Outra situação é o caso de doentes mentais com juízo crítico prejudicado. Essa é uma questão muito difícil de ser analisada, mesmo por profissionais da área como psicólogos e psiquiatras. Não existe um método infalível ou um equipamento que comprove a verdadeira intenção do homicida, entretanto Deus é justo e conhece todas as intenções do homem.

3.2 SUICÍDIO

A luta estava feroz em volta de Saul. Ele foi atingido por flechas inimigas e ficou muito ferido. Então disse ao rapaz que carregava as suas armas:

— Tire a sua espada e me mate para que esses filisteus pagãos não caçoem de mim e me matem.

Mas o rapaz estava muito apavorado e não quis fazer isso. Então Saul pegou a sua própria espada e se jogou sobre ela. Quando viu que Saul estava morto, o rapaz também se jogou sobre a sua própria espada e morreu junto com ele.²⁶ (1 Sm 31.3-5)

O suicídio vai contra as instruções de Deus de proteção a vida. É visto como uma forma de evitar ou acabar com o sofrimento e a dor. A bíblia relata algumas situações de suicídio como a de Judas Iscariotes (Mt 27.5) e a do rei Saul citado acima, que preferiu a morte do que a humilhação de ser capturado e morto por seus inimigos.

Muitas são as causas de suicídio. O suicida pode ver na morte o fim de seu sofrimento, seja ele mental ou físico. O desespero ao perder um ente querido ou perder todos os bens materiais pode levar o homem a entender que a única solução

²⁶ Ibid., p. 281.

é a morte. Outra causa é a perda de sentido na vida, como nos casos de pessoas que possuem depressão e/ou incapacidades. Também existem as doenças psiquiátricas em que o indivíduo tem um prejuízo no juízo crítico e se mata sem uma concepção adequada de vida e morte.

Existe uma diferença entre suicídio e desejar morrer. Há uma diferença entre o querer e o fazer. Muitos homens de Deus desejaram a morte, como Moisés (Nm 11.14,15), Elias (1 Re 19.4) e Jonas (Jn 4.3). Momentos de desânimos, tristezas, medos e angústias são naturais a todo homem. Jesus antes de ser crucificado passou por angústias, mas mesmo assim não desistiu e seguiu a vontade de Deus. (Lc 22.42-44) É necessário que o cristão tenha Deus como guia e protetor da vida, faça sempre sua vontade, mesmo que não seja sua vontade, pois a vontade de Deus é a melhor.

Algumas pessoas, talvez não compreendendo os motivos para o suicídio, atribuem a possessão demoníaca os atos suicidas. Entretanto, ao analisar a história de Jó, é possível perceber que Deus não permite que Satanás e seus demônios tirem a vida de uma pessoa (Jo 2.6). O criador da vida é Deus, e é Ele que permite quando alguém pode morrer. Ações demoníacas podem contribuir para formação de situações difíceis e angustiantes, porém a pessoa ainda permanece com o direito de escolha. Deus tem poder para impedir a morte de um suicida, mas permite que ele faça suas escolhas.

A morte através do suicídio também produz diversas reflexões, sendo elas geralmente relacionadas ao sofrimento humano e sobre o destino da alma do suicida. A questão da salvação para o suicida é algo muito debatido. É preciso levar em consideração que é errado tirar a vida de alguém, mesmo que a vida seja da própria pessoa, e que Deus tem poder de perdoar um arrependimento verdadeiro, mesmo que seja a poucos segundos da morte. O pastor Hernades Dias Lopes afirma que

É verdade que um assassino não tem vida eterna em si mesmo (1Jo 3.15). É verdade que o suicídio é uma quebra do sexto mandamento, muitas vezes, sem o devido tempo para a reflexão e o arrependimento. É verdade que o suicida fecha a porta da esperança com as próprias mãos ao ser suplantado pela dor esmagadora, a ponto de descreer que em Deus há uma saída para as suas angústias.

Todavia, não podemos nos arbitrar como juízes e condenar todos aqueles que entram por essa porta.²⁷

3.3 EUTANÁSIA

Uma cidadã britânica de 30 anos, doente terminal, iniciou hoje uma batalha legal para fazer com que os médicos concordem em deixá-la morrer, segundo fontes judiciais.

Kelly Taylor, a quem os médicos deram menos de um ano de vida, pretende fazer com que a equipe que trata dela aumente a dose de morfina para induzi-la a um estado similar ao coma. Os médicos se negam a fazer o procedimento por considerarem que isto representaria cometer eutanásia.²⁸

O caso da britânica Kelly Taylor reabriu o debate sobre eutanásia no Reino Unido, em fevereiro de 2007, onde é considerado ilegal. Frequentemente é reaberta a discussão sobre eutanásia e suicídio assistido sendo comum a apresentação de argumentos éticos e religiosos. Para discutir sobre eutanásia, é necessário primeiro entender seu conceito e separar de conceitos que equivocadamente é considerado eutanásia.

Segundo Goldim²⁹ eutanásia é quando uma pessoa causa deliberadamente a morte de outra que está mais fraca, debilitada ou em sofrimento; suicídio assistido ocorre quando uma pessoa, que não consegue concretizar sozinha sua intenção de morrer, solicita o auxílio de outro indivíduo; distanásia é a morte lenta, ansiosa e com muito sofrimento; e ortotanásia é a atuação correta frente a morte.

Seguindo o princípio de que apenas Deus pode tirar a vida de uma pessoa, a eutanásia e o suicídio assistido são desaconselhados pelos cristãos. Deus pode usar o sofrimento e as incapacidades humanas para mostrar seu amor, sua bondade e seu poder. O desejo de Deus é que seu povo o conheça (Os 6.6). Em cada situação vivida Deus se apresenta de uma forma diferente, e assim seus filhos o conhecem a cada dia de formas diferentes edificando cada dia a fé.

²⁷ LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio**: Causas, mitos e prevenção. 1ª edição. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 128.

²⁸ Terra. Britânica entra na Justiça para sofrer eutanásia. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI1406366-EI8142,00-Britanica+entra+na+Justica+para+sofrer+eutanasia.html>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

²⁹ Eutanásia. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/eutanasi.htm>>. Acesso em 17 de março de 2018.

A fé em Deus e a luta contra a eutanásia se não for bem orientada podem levar o cristão a cometer a distanásia, que é o prolongamento do sofrimento. Ao se deparar com situações terminais, seja do próprio indivíduo ou de um ente querido, o cristão é levado a fazer tudo o possível para a cura ou prolongamento de vida. Esse é um bom objetivo e vai de encontro com os objetivos da equipe de saúde responsável por pessoas em cuidados paliativos. Entretanto é importante a pessoa saber que existem limitações no conhecimento e que existem pessoas preparadas para ajudar no tratamento de uma doença e na qualidade de vida de uma pessoa, e é importante ouvir a opinião da equipe, que na maioria das vezes é treinada para não causar dano ao indivíduo, ou seja, é treinada para não causar uma distanásia.

A questão de não dar um tratamento ou retirar um tratamento não distingue eutanásia de distanásia, o que diferencia essas palavras é a indicação de uma medida terapêutica. Se um tratamento pode curar ou aumentar a sobrevida e/ou dar mais qualidade de vida, então se deve solicitar esse tratamento, entretanto se uma medida terapêutica não contribui em nada para o indivíduo, então essa medida não deve ser adotada para não causar distanásia. Quando uma medida terapêutica é retirada ou “a máquina é desligada”, não necessariamente significa que está ocorrendo uma eutanásia, pelo contrário, a retirada de uma medida terapêutica pode significar mais qualidade de vida e diminuição do sofrimento para a pessoa.

A ideia de “desligar a máquina” pode trazer a ideia de eutanásia, mas geralmente essa ideia é equivocada, em especial em casos de morte encefálica. Para o diagnóstico de morte encefálica é necessário que dois médicos avaliem o paciente em horas diferentes, sendo que um dos médicos obrigatoriamente deve ser neurologista o neurocirurgião, e diversos testes clínicos, exames laboratoriais e de imagens são realizados para definir o diagnóstico. Para essas avaliações, o paciente em óbito mantém algumas atividades de seu corpo através de máquinas. É comum o entendimento de vida quando o familiar do paciente percebe o coração batendo e o pulmão respirando, mas se foi constatado a morte encefálica, a máquina pode ser desligada sem que isso seja eutanásia. Em algumas situações os equipamentos permanecem ligados com o objetivo de preservar os órgãos para a doação.

Para um cristão leigo em assuntos de saúde, pode ser difícil compreender tal situação. O que ele deve entender é que caso Deus faça um milagre, Ele não precisa uma máquina para ajudar e a ausência de uma máquina não pode impedir sua ação. As ações de Deus não estão restritas às ações humanas. Ele pode curar,

salvar e libertar a alma do corpo perecível quando e onde quiser. Deus não precisa de uma ajuda da equipe de saúde, Ele tem poder para fazer milagres quando existem medidas terapêuticas e quando não existem. Nada pode impedir ou dificultar as ações de Deus.

3.4 ABORTO

Eu engravidei pela primeira vez aos 23 anos. Fazia o pré-natal normalmente, mas no 5º mês, por meio de um ultrassom de rotina, meu médico disse que havia um “probleminha” com o bebê. (...) Ao realizar os exames, Thomaz foi categórico: o bebê era anencéfalo_e apresentava vários defeitos genéticos que eram incompatíveis com a vida. (...) A Justiça foi, sim, a minha melhor decisão. Quando saiu a deliberação, eu tive medo da resposta, já que essa era a minha última esperança. A decisão foi favorável. Fui ao hospital na data marcada pelo dr. Thomaz . Ele me deu todo o apoio necessário. No dia 14 de setembro de 1993 o meu parto foi induzido.³⁰

O aborto é um tema muito discutido em diversas partes do mundo, pois existem opiniões muito distintas com diversos argumentos a favor e contra o aborto. Para discutir sobre o aborto é importante levar em consideração aspectos éticos e legais, considerando sempre opinião dos pais e não negligenciando o corpo da mulher que carrega uma vida.

Existem os argumentos relacionados às leis, onde procuram falhas no texto de resoluções que permitem interpretações ambíguas, outros argumentam desmerecendo a criação das leis ao argumentar que são ultrapassadas, com vieses ou até mesmo ilegítimas.

Também existe o argumento sobre a proteção e autonomia do corpo da mulher, tendo ela o direito nato de escolher entre abortar ou não. Argumentam também sobre os índices de mortalidade materna após aborto em clínicas clandestinas e/ou sem acompanhamento de um profissional da saúde.

³⁰ Drauzio. Depoimento de quem já passou por uma gravidez de anencéfalo. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/mulher-2/depoimento-de-quem-ja-viveu-gravidez-de-anencefalo/>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Este trabalho não tem como finalidade analisar os aspectos legais do aborto e a autonomia da mulher sobre seu corpo, a questão aqui discutida é sobre os aspectos de vida e morte.

Segundo Moore,³¹ aborto significa interrupção prematura do desenvolvimento e expulsão do conceito do útero, ou expulsão de um embrião ou de um feto antes de se tornar viável (capaz de viver fora do útero).

Um ponto a considerar ao discutir sobre aborto são os casos de anencefalia e fetos inviáveis, pois esses casos envolvem a fé na intervenção divina, com o milagre da cura e/ou transformação física. Os casos de anencefalia, como relatado pelo Dr Drauzio Varella, se assemelham aos de morte cerebral, ou seja, não há vida sem cérebro em atividade. Histórias de bebês anencéfalos que viveram meses e/ou anos após o nascimento devem ser mais bem investigados quanto ao diagnóstico de anencefalia. Nestes casos ainda se usa o conceito de aborto, ou seja, de expulsão do feto antes de se tornar viável, com isso entende-se que feto não é sinônimo de vida, portanto é necessário desvincular a palavra feto da palavra vida ou formar um novo conceito de aborto para fetos anencéfalos.

Está evidenciado que o Deus zela pela vida humana e não quer que as pessoas matem umas as outras. Entretanto existe um fator que divide a opinião de muitos, e esta na questão “Onde começa a vida?”. Para ter uma opinião mais sólida, é necessário primeiramente ter um breve conhecimento de embriologia.

O desenvolvimento humano intrauterino é dividido em período embriológico, da primeira a oitava semana, e período fetal, da nona a até a semana do nascimento.

Segundo Moore,³² a concepção começa no encontro e penetração do material genético do espermatozoide no ovócito, dando início a fertilização e ao período embriológico. No início da segunda semana há a implantação do embrião, ou seja, a aderência no útero. A partir da terceira semana, as células se diferenciam e dão início a formação do sistema nervoso e do coração. A partir da quarta semana o coração primitivo começa a bater e inicia a formação do sistema respiratório, membros e olhos. Na quinta e sexta semana, se dá início a formação do encéfalo e

³¹ MOORE, K. L. PERSAUD, T. V. N. **Embriologia clínica**. 8 ed. [tradução Andrea Monte Alto Costa... et al.]. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. p. 20.

³² Ibid., p. 17, 18.

também começa a formar a cavidade oral, nasal e condutos auditivos. Na sétima e oitava semana os órgãos genitais começam a se diferenciar.

A nona semana é o marco inicial do período fetal. A partir desse momento a maioria das estruturas já está em formação e o tempo será para a diferenciação dessas estruturas. Na décima semana, o feto possui uma face com perfil mais humano, com queixo, orelhas e genitália. Na décima segunda semana é possível fazer distinção do sexo na maioria das vezes. A vigésima segunda semana é importante pois é quando o feto se torna viável para sobrevivência, apesar da baixa probabilidade de vida fora do útero. Na trigésima oitava semana o feto é considerado a termo, pronto para o nascimento.

Como se pode perceber, não existe um ponto exato em que se pode afirmar que a vida começou. Uma forma de tentar entender onde começa a vida, é entendendo onde termina a vida. Salmão ao escrever Eclesiastes afirma que “o nosso corpo voltará para o pó da terra, de onde veio, e o nosso espírito voltará para Deus, que o deu”³³ (Ec 12.7), ou seja a ideia de morte para o ele é quando o espírito volta a Deus e o corpo é enterrado. A ideia de Salomão é a mesma de Tiago que afirma que o corpo sem o espírito está morto (Tg 2.26). Jesus antes de morrer gritou “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”³⁴ (Lc 23.46). Entende-se então, que o conceito de vida na bíblia está ligado a presença ou não do espírito no corpo.

O conceito mais aceito pelos cristãos é que a vida inicia no momento da fecundação, por isso muitos não são a favor de pesquisa com embriões. Outros podem afirmar que início da vida começa na quarta semana, juntamente com os batimentos cardíacos, sendo isso uma evidência de espírito no corpo. Alguns utilizam o conceito que início da vida se dá com o início da consciência, sendo assim, a vida estaria associada ao desenvolvimento neuronal, porém é difícil saber quando as células neuronais estão em atividade suficiente para o desenvolvimento de uma consciência. Sabe-se que o início da formação da placa neural se dá na terceira semana e o encéfalo anterior começa na quinta semana, porém a maturação completa do cérebro se dá apenas na adolescência.

É possível afirmar também que a vida dá início juntamente com o período fetal, onde a maioria das estruturas estão formadas e os processos sequenciais serão apenas para a diferenciação dessas estruturas, porém a questão que fica é

³³ Ibid., p. 637.

³⁴ Ibid., p. 1051.

que o espírito de vida não está restrito a um conjunto de estruturas do corpo. Uma outra hipótese é que é possível considerar vida na vigésima segunda semana, quando o feto se torna viável, mesmo com baixa a probabilidade de vida, contudo nesse caso a probabilidade de vida estaria dependente do desenvolvimento tecnológico da humanidade, pois conforme aumentam as tecnologias e as descobertas científicas, aumenta também a probabilidade de vida fetal fora do útero, diminuindo as semanas intrauterina.

A percepção de espírito no corpo é algo subjetivo e difícil de definir o momento exato de introdução do espírito de vida ou sua retirada, por isso é tão difícil definir quando começa a vida ou quando é permitido abortar. Na dúvida, o cristão sempre deve escolher a opção de manutenção da vida ou de uma potencial vida.

CONCLUSÃO

As definições sobre morte variam conforme o tipo de literatura, de cultura, de religião e de época. Enquanto o dicionário traz um significado técnico e conciso, os filósofos trazem um conceito amplo, com aspectos transcendentes e lógicos. A época influencia no conceito conforme as necessidades da população em questão, como no caso da cultura greco-romana que inicialmente tinha o paraíso apenas para os mortos em combates e alguns poucos selecionados por Zeus e com o passar do tempo se tornou possível para aqueles obtinham o conhecimento e seguiam determinadas leis morais.

As definições mudam conforme a localização também. Religiões maiores no oriente, como o budismo e o hinduísmo, compartilham de diversas semelhanças na questão da morte, bem como o islamismo e o cristianismo.

Quando a morte é temida por todos, independente das ações em vida ou de classe social como na Mesopotâmia, é comum uma valorização maior da vida e seus prazeres. Essa valorização contribui para a busca do prazer durante a vida, geralmente relacionados a comidas, bebidas e sexo. A morte pode ser utilizada como forma de castigar seu inimigo, pois significa a restrição dos prazeres e passagem para um tenebroso inframundo.

Quando a morte é vista como uma transição, as ações em vida se modificam. No caso do Egito, não existiam muitas ações em vida que influenciavam no destino do indivíduo após a morte. Alguns poucos eram julgados e os faraós eram divinizados. Entretanto, a transição de vida para esse povo era muito importante e, por isso, construíram luxuosos sarcófagos e pirâmides que continham fórmulas mágicas que ajudavam os mortos nessa transição. Essa visão de transição de vida foi utilizada por diversas produções cinematográficas e tornou essa cultura mundialmente conhecida. A morte, nesse caso, se tornou tema de entretenimento.

O hinduísmo e o budismo são duas grandes religiões que defendem a ideia fluxo de vida e de que todas as ações produzidas em uma vida produzirão consequências diretas para a próxima forma de vida, ou seja, um *Karma*. A

diferença dessas religiões está no fluxo da vida, pois enquanto o hinduísmo entende que a alma é imortal e o que mudam é o corpo e consciência, no budismo a vida é contínua e não a alma, ou seja, o corpo e a alma se desintegram para formar um novo indivíduo que sofrerá as consequências *karmicas* do indivíduo anterior.

Uma característica do budismo válida de comparação está na questão de salvação ou iluminação da pessoa. Para o budismo, o estado de consciência no momento exato da morte é importante para o início de uma nova vida, sendo assim, as ações em vida visam se concentrar de uma forma para não ser induzido a um *karma* negativo, com isso, não faz necessário um ser que salve ou ilumine a pessoa, o próprio indivíduo pode alcançar o estado de iluminação. Portanto, não existe a necessidade de um Deus salvador na visão dos budistas, ao contrário do cristianismo que tem sua fé baseada na salvação através de Jesus e não existem ações humanas capazes de salvar uma vida.

O conceito de morte para o islamismo é muito semelhante ao do cristianismo, e isto se deve ao fato de as duas religiões terem Abraão como ancestral comum. Apesar da mesma visão de morte como consequência do pecado, a vida após a morte possui algumas diferenças nessas religiões. Enquanto que para o islamismo o paraíso consiste primariamente em prazeres do corpo, como bebidas, comidas e sexo, o cristianismo tem sua concepção de paraíso centrado em Jesus, tendo como prazer principal a vida eterna com Jesus e secundariamente os prazeres e alegrias que a corpo pode experimentar.

O conceito cristão de morte é a chave para entender o cristianismo como um todo. No princípio Deus criou a vida em Adão e Eva, porém sua ação de desobediência condenou toda a humanidade a morte. Em toda a descrição do Antigo Testamento bíblico é possível perceber que as ações humanas, representadas por Israel, sempre tem como consequência a morte, mas Deus com seu infinito amor perdoa seu povo arrependido e restaura a nação. Em muitas ocasiões Deus usou seus profetas para falar ao povo de Israel de um rei que traria a restauração e seu reinado seria eterno, porém não entenderam as profecias e rejeitaram o Messias salvador.

A morte e ressurreição de Jesus é o tema central de todo o cristianismo. É o cumprimento daquilo que Deus falava ao seu povo desde a queda de Adão. A ressurreição de Jesus transmite um significado de imortalidade não apenas da alma, mas também do corpo. Não foi a alma de Jesus que reencarnou em outro corpo, a

ressurreição foi no mesmo corpo que foi pregado na cruz, permanecendo as marcas do ferimento dos pregos nas mãos. E a questão principal está no fato de que apenas Jesus foi capaz de ressuscitar para um corpo glorificado e imortal, portanto nenhum outro homem alcançou tal proeza e não é possível alcançar sozinho.

Para alcançar a imortalidade da alma e do corpo é necessário seguir a Jesus, porém é importante lembrar que a imortalidade é consequência, e não a causa. Não se pode ter como objetivo principal a vida eterna no paraíso para então seguir os ensinamentos Jesus. Pelo contrário, o verdadeiro cristão é aquele ama e segue a Jesus pelo que Ele é e pelo seu imenso amor e, conseqüentemente, seus seguidores terão o prazer de morar com Ele eternamente no paraíso. Portanto, não são as ações humanas que salvam a vida, todos já estão condenados a morte eterna, mas a salvação da morte virá para aqueles que seguem a Jesus, e terão a oportunidade de morar com Ele para sempre.

A morte e ressurreição de Cristo trouxeram mudanças no enfrentamento da morte para os cristãos. A partir de então, não existem motivos para os seguidores de Cristo temerem a morte, pois existe a possibilidade de ressurreição e vida eterna. Também não existem motivos para temer o sofrimento, pois Jesus morreu sem pecados da forma mais sofrida, torturante e dolorosa conhecida por aquele povo. A perda do medo do sofrimento e da morte foi fundamental para a expansão do cristianismo, pois não existiam ameaças possíveis para impedir a propagação das boas novas de salvação.

A ideia de vida após a morte trouxe esperança para os que sofrem em vida, independente se o sofrimento era por perseguição cristã ou não. A esperança de uma vida nova e um corpo transformado, sem doenças, sem defeitos trouxe alegria para os doentes que não obtinham cura e para os que sofriam por alguma incapacidade física. Essa esperança não está restrita a classe social e condições econômicas, qualquer pessoa que seguir a Jesus, seja ela pobre ou rica, pode ter a vida eterna. Essa esperança também não é restrita a pessoas que foram moralmente boas durante a maior parte da vida, ou seja, não existe uma carga moral, onde é necessário ter um número mínimo de ações boas para alcançar a imortalidade, qualquer pessoa que se arrepende de seus pecados e crer em Cristo pode morar com Jesus eternamente, independente se essa pessoa produziu más ações a maior parte da vida e/ou se ela se arrependeu segundos antes de sua morte física.

Essa ideia de salvação e esperança do cristianismo é importante para entender como o cristão deve lidar com as diferentes situações de morte que surgem, sejam elas relacionadas a doenças, acidentes humanos, catástrofes naturais, envelhecimento, homicídio, suicídio, eutanásia ou aborto. Entretanto, nem sempre a ideia de esperança de vida eterna sem sofrimento após a morte está fixa no cristão, e é comum uma reflexão mais detalhada dos aspectos da morte não percebidos até se deparar com uma situação de morte.

As situações que produzem sofrimento antes da morte são as de reflexões mais profundas e abalam a fé de qualquer cristão. Os casos de doenças terminais são estão entre os que mais causam sofrimentos e questionamentos da fé, pois Jesus durante seu ministério na terra curou milhares de pessoas e deu poder aos seus discípulos para curar também. Sendo Deus imutável e todo poderoso, Ele poderia curar qualquer doença e evitar o sofrimento de uma criança inocente, por exemplo. Além disso, a doença pode ser entendida equivocadamente como uma ação divina direta, como se Deus produzisse a intencionalmente a doença e o sofrimento de uma pessoa, porém as doenças e os sofrimentos são consequências do pecado, e todos que possuem um corpo corruptível estão sujeitos a doenças, sendo cristão ou não.

A morte como consequência de falha humana e catástrofes naturais produzem questionamentos naqueles que permanecem vivos. Nesses casos é frequente a associação da causa a Deus, porém esses casos são devido a ações humanas e consequências do pecado. As pessoas, que são falhas, constroem edifícios e máquinas com falhas, e a consequência dessas falhas às vezes é a morte. Essas construções, por muitas vezes, são inadequadas ao meio ambiente e contribuem para sua destruição e para catástrofes naturais, ocasionando a morte de diversas pessoas. Estes são exemplos claros de que as ações humanas sempre tem como consequência a morte.

Após o envelhecimento é a morte mais aceitável pela humanidade, pois desde a infância já se tem o conceito de que a vida não é para sempre. As experiências vividas pelos cristãos contribuem para o fortalecimento de sua fé, assim, ao chegar o momento de morte os questionamentos serão menores quando comparados a situações de doenças e catástrofes, e é comum o sentimento de gratidão a Deus pela dádiva de uma vida longa, mesmo que a pessoa tenha enfrentado diversos momentos de sofrimento.

Existem diferenças em relação às experiências cristãs de sofrimento, por exemplo, é possível sofrer por Jesus, sofrer com Jesus e sofrer apesar de ter Jesus. Para o cristão, sofrer por ser seguidor de Jesus é algo aceitável, sem abalos significativos na fé, até porque Jesus alertou a todos os seus discípulos que por causa dEle serão perseguidos (Mt 5.10-12). Sofrer com Jesus é um termo diferente, pois o sofrimento não se dá pelo fato de ser cristão. A utilização do termo “com Jesus” produz uma ideia de companheirismo e afasta a ideia de solidão, também produz a ideia de alguém que ajuda a aliviar a dor e o sofrimento, além da ideia de que Jesus esta vendo todo o sofrimento e não deixará seu servo passar por um sofrimento maior que ele não possa suportar e dará uma recompensa na outra vida. Um outro termo é o sofrimento “apesar de ter Jesus”, trazendo a ideia de que Jesus não está fazendo sua função de isentar o ser humano de sofrimento, o que é uma concepção equivocada de alguém que ainda não entendeu o verdadeiro sentido do cristianismo.

As mortes citadas até então, são as não provocadas, aquelas em que o ser humano não tem direito de escolha, porém existem as mortes em que a pessoa pode escolher, com exceção do cristão que é instruído a sempre optar pela vida. Essas mortes geralmente é motivo de intensa discussão e possuem aspectos religiosos, éticos e legais.

Os casos de homicídios e suicídios são, de uma forma quase automática, julgados e condenados por diversas pessoas, inclusive pelos cristãos. Contudo deve-se analisar contexto dessas situações antes de qualquer julgamento. É necessário primeiro entender qual foi a verdadeira intenção do homicida e do suicida, se foi por ordem do estado, se foi sob uso de substancias alucinógenas ou se foi por doenças mentais. É provável que o ser humano não consiga analisar de uma forma a chegar um uma conclusão totalmente correta, pois apenas Deus conhece verdadeiramente as intenções do coração. Portanto, a justiça humana deve julgar condenar os culpados com o objetivo de proteger a sociedade de um mal maior, mas em questões relacionadas a moral e a salvação da alma é interessante deixar para Deus a função de julgar e condenar.

A questão da eutanásia é um dos assuntos relacionados a morte mais discutidos legalmente. Como já mencionado, o cristão é orientado a sempre escolher a vida, sendoque o sofrimento faz parte da vida temporária em um corpo corruptível. O que o cristão deve entender, são os conceitos relacionados à eutanásia. Na

ansiedade de não causar eutanásia e na fé de uma possível cura, é comum o familiar exigir medidas terapêuticas desnecessárias da equipe de saúde, porém isso é o mesmo que prolongar o sofrimento e até mesmo a dor, ou seja, isso é distanásia. A equipe de saúde é treinada para prezar pela ortotanásia, que é a morte no tempo adequado sem sofrimento, podendo ser um instrumento de Deus para auxiliar em momentos difíceis. A introdução ou não das medidas terapêuticas não impedem e não ajudam a Deus absolutamente nada, quando Ele quer realizar um milagre nada pode impedir.

O aborto é outro tema amplamente discutido envolvendo diversos aspectos religiosos, éticos, morais e autonomia do indivíduo. Mais uma vez, independente da situação, o cristão é instruído a escolher sempre a situação de vida ou potencial vida. O difícil é definir quando existe ou não uma vida. Considerando que a vida depende de um cérebro, então é possível afirmar que um feto anencéfalo está morto, mesmo tendo outros órgãos, semelhante aos casos de morte encefálica. Em casos de ausência de evidências de anencefalia e outras doenças incompatíveis com a vida, é difícil afirmar quando começa a vida, mesmo conhecendo em detalhes o desenvolvimento humano. A bíblia afirma que a vida existe enquanto existe o espírito, mas não tem como identificar o momento exato que um conjunto de células recebe o espírito produzindo a vida, por isso, como uma medida de proteção a uma vida ou potencial vida, os cristãos não incentivam o aborto.

A reflexão sobre a morte não é algo simples e envolve diversos fatores. É preciso que as pessoas entendam que, para o cristão, todas as suas ações tem como consequência final a morte se não forem baseadas nos ensinamentos de Jesus. Ao entender isto, as pessoas poderão entender que todos estão sujeitos a sofrimentos, dores e morte, mas nem sempre será assim, chegará um dia em que aqueles que seguiram Cristo terão a vida eterna.

As definições e as situações de mortes são inúmeras, sendo praticamente impossível descrever tudo em um único trabalho, por isso, é necessário mais estudos relacionados a morte abordando aspectos mais detalhados em cada momento de morte, colaborando para a diminuição das ansiedades e dos medos relacionados a esse tema.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>>. Acesso em 03 de março de 2018.

AZCÁRATE, J. L. L. **La muerte y su imaginario en la historia de las religiones**. 1 ed. España: Universidad de Bilbao, 2000. (tradução nossa)

BÍBLIA. Língua portuguesa. **Bíblia Sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SP. 1520 páginas

BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.

CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis**. 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2012.

Drauzio. Depoimento de quem já passou por uma gravidez de anencéfalo. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/mulher-2/depoimento-de-quem-ja-viveu-gravidez-de-anencefalo/>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Eutanásia. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/eutanasi.htm>>. Acesso em 17 de março de 2018.

G1, Cobertura completa: terremoto no Haiti. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1446514-5602,00-COBERTURA+COMPLETA+TERREMOTO+NO+HAITI.html>> Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

G1. Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa morto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

INCA: Cuidados Paliativos. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/cancer/site/tratamento/cuidados_paliativos>. Acesso em 10 de março de 2018.

LOPES, Hernandes Dias. **Suicídio: Causas, mitos e prevenção**. 1ª edição. São Paulo: Hagnos, 2007.

MOORE, K. L. PERSAUD, T. V. N. **Embriologia clínica**. 8 ed. [tradução Andrea Monte Alto Costa... et al.]. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

NALANDA. Grandes Discípulas do Buddha: Kisagotami. Disponível em: <<https://nalanda.org.br/contos/grandes-discipulas-do-buddha-kisagotami>>. Acesso em 19 de março de 2018.

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: Senescência e senilidade – qual a diferença? Disponível em: <<http://www.sbgg-sp.com.br/pub/senescencia-e-senilidade-qual-a-diferenca/>>. Acesso em 16 de março de 2018.

Terra. Britânica entra na Justiça para sofrer eutanásia. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI1406366-EI8142,00-Britanica+entra+na+Justica+para+sofrer+eutanasia.html>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

UOL notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/11/05/homem-invade-igreja-no-texas-e-mata-ao-menos-27-pessoas-no-texas-diz-imprensa-americana.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Wikipédia: Voo LaMia 2933. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Voo_LaMia_2933>. Acesso em 11 de março de 2018.